

**DARKVISION**

APRESENTA

# UM CONTO DE NATAL DARK

A PROCISSÃO DAS  
ALMAS PERDIDAS

**NILSEN AZEVEDO**



DarkSide® Entretenimento Ltda.

**DARKSIDE**

TERROBR

©2022





**DARKVISION**  
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

**NILSEN AZEVEDO**

# A PROCISSÃO DAS ALMAS PERDIDAS

**NILSEN AZEVEDO**

À meia-noite, o sino bateu sete vezes no cemitério no fim da rua. Já fazia alguns anos que as mulheres de capuz vermelho apareciam. Elas vinham sempre no dia mais longo do ano, quando o sol enrolava até o último segundo para ir dormir, se espreguiçando sobre os telhados, acobreado as copas das árvores e fazendo o mar encrespado lá na praia cintilar.

Ioná chamava a turba de procissão das almas. Embaladas pela brisa marinha e pelo canto das cigarras, as mulheres avançavam pé ante pé até cruzar a porteira do campo-santo. Eram como aparições errantes que portavam velas e caminhavam com a pressa dos mortos. Sob a luz do fogo, pareciam seres de outro mundo.

Os badalos arrancaram Ioná do sono leve de enfermeira e, como de costume, ela pulou da cama e foi espiar. As mulheres passavam rentes à janela entreaberta, os rostos determinados virados para a frente, escondidos por tecidos encarnados de vários tipos e texturas. Pela fresta, o cheiro saudoso de cera derretida ia aos poucos invadindo o quarto.

“Todo ano é a mesma coisa”, murmurou Ioná, incapaz de desviar os olhos da procissão. “Por que elas fazem isso?”

A namorada de Ioná não respondeu; manteve a boca curvada em um sorriso tímido e assim ficou. Laura sabia que, quando ficava encantada por algo, Ioná não conseguia prestar atenção em mais nada.

As mulheres continuavam passando, algumas jovens como a aurora, outras sábias como a madrugada. As lágrimas das velas caíam em suas mãos e escorriam pelos pulsos, pingando no chão, formando um rastro de cera. Ninguém dizia nada; ouvia-se apenas o som dos passos marchando pela rua de paralelepípedos.

Ioná novamente se perguntou de onde saía a procissão, quem organizava o encontro e que diabos elas faziam quando chegavam ao cemitério. O jornal mais famoso da cidadezinha, sempre desesperado por pautas bairristas, nunca noticiara o evento. No ano anterior, tinha chegado a perguntar para a dona da padaria, que sempre estava a par dos últimos mexericos, se ela já havia participado da tal procissão.

“Procissão de mulheres? Que isso, Ioná?”, retrucou a velha, empilhando maços de cigarro no caixa.

“Aquele que passou pela minha rua ontem à noite e foi até o cemitério”, explicou a enfermeira.

“Não fiquei sabendo de nada disso. Parece uma grande bobagem”, a velha respondeu, soltando um muxoxo. “Vai querer alguma coisa ou não? Você tá empatando a fila.”

Ioná se desculpou e foi trabalhar. Mais tarde, quando voltou, passou pelos portões do cemitério, com a esperança de ainda ver centenas de velas aglomeradas em uma catacumba ou pelo menos alguém que soubesse explicar por que aquelas mulheres ganhavam as ruas todos os anos. Não havia nada.

E não houve nada por um ano, até a procissão reaparecer. Ioná, que por um momento se perdera nas lembranças, foi içada de volta ao presente quando uma mulher de meia-idade, com bolsas ao redor dos olhos e dentes amarelados de tanto fumar, se aproximou da janela. Ela baixou o capuz de veludo e manteve a vela bem perto do queixo, como se temesse perdê-la de vista. Quando falou, seu hálito cheirava a cigarro, e sua voz não passava de um sussurro.

“Boa noite, irmã. Quer se juntar a nós?”

Ioná olhou por cima do ombro, buscando a opinião da companheira, mas o contraste do clarão da vela deixou o quarto ainda mais escuro, de modo que ela não conseguiu enxergá-la. Ela abriu a boca e sentiu como se o vento da madrugada estivesse soprando suas palavras para fora.

“Para quem é o cortejo?”

“Para as almas perdidas”, respondeu a mulher, como se fosse óbvio. “Você com certeza conhece alguma.”

Ninguém além da mulher olhou para ela. A procissão avançava de forma resoluto, as chamas tremeluzindo, os passos agora parecendo um pouco mais apressados, mas talvez tudo não passasse de outra impressão. Lá no cemitério, uma gargalhada ressoou. Forte, decidida, como se sua dona soubesse que um céu raivoso de tempestade não era páreo para quem desejava ter um dia de sol.

“Estão velando alguém conhecido?”, perguntou a enfermeira.

“Conhecemos as dores e perdas umas das outras. E é só questão de tempo para quem ainda não conhece.” A mulher recuou um pouco e, com a mão livre, recolocou o capuz. “Nós deixamos as velas acesas no cemitério para iluminar o caminho delas. Se queimarem até o fim, ainda há esperança. E esperança, irmã, é tudo que nós temos.”

A mulher sorriu com os olhos e voltou à procissão. Ioná percebeu que a maré de pessoas estava ficando mais rasa e viu, ao olhar para a esquerda, mais ao longe, que as mulheres que encabeçavam o cortejo já haviam cruzado os portões do cemitério. Com o coração palpitando, ela fechou a janela, passando o ferrolho. De repente se sentiu sufocada no quarto, na casa, como se toda a vida que valesse a pena ser vivida pulsasse lá fora.

“O que acha? Será que devo arriscar?”, perguntou à namorada.

Laura ficou parada com o mesmo sorriso tímido de sempre. Não deu uma piscadela, não assentiu, não fez nada. Não tinha como. Laura não respondia nada havia anos, desde seu desaparecimento. Mais um crime sem solução. Mais uma história silenciada, sem desfecho, um ponto frouxo, sem nó.

Ioná acarinhou o porta-retrato que continha sua foto preferida da companheira, pegou um cobertor vermelho, uma vela e saiu. A procissão a recebeu de braços abertos. Mais uma vez, ninguém olhou para ela, mas não precisava; ela se sentiu parte do cortejo secreto assim que começou a caminhar. Empunhando a vela, foi até o campo-santo, onde foi a última a chegar. No silêncio dos mortos, cercada pela deferência dos vivos, pousou a vela já acesa ao lado de todas as outras e passou um tempo encarando a chama bruxuleante.

Quando saiu do transe, viu que a noite já estava azulada, prestes a acolher a manhã. As mulheres tinham ido embora, prontas para viver o novo dia, talvez até o novo ano. A vela que tinha trazido não estava mais lá. Ioná estava sozinha.

Sorrindo, quase gargalhando, falou:

“Mas nunca mais vou andar só.”

**NILSEN AZEVEDO** é editora e tradutora. É formada em Jornalismo e desde 2018 edita livros escritos por mulheres, ajudando a dar visibilidade a novas vozes femininas na literatura. Como tradutora, cuidou de livros como *Gótico Mexicano*, *Rastro de Sangue: O Grande Houdini* e *Ela e o Monstro*, todos publicados pela DarkSide® Books. Nasceu em Santos e atualmente reside em São Paulo com sua cachorra, que se chama Lizzie em homenagem à protagonista de *Orgulho e Preconceito*. Seu primeiro livro será publicado pela DarkSide® Books.



UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)